



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Agostinho da Silva e o CEAO: reflexões sobre a primeira experiência institucional dos estudos africanos no Brasil.

Gilson Brandão de Oliveira Junior
Doutorando em História Social UnB
gilsonbass@yahoo.com.br

Assistimos recentemente no Brasil a uma grande retomada dos contatos diplomáticos com países do continente africano, além de um aumento expressivo dos estudos realizados sobre eles. Nunca houveram tantas publicações sobre o tema, nem tantas instituições interessadas em conhecer África, nem tantas viagens e eventos oficiais realizados entre o Brasil e os países desse continente (Cf. BUENO, 2010). Concomitante à identificação dessas mudanças contemporâneas, um olhar crítico poderia nos levar a uma indagação: “seriam estes contatos algo novo?” Certos de que não, nos indagamos: “como se têm olhado para África no Brasil? Como se olha e de onde partem esses olhares?” Cientes da existência de pesquisas precedentes, nos questionamos mais uma vez: “como essas pesquisas se institucionalizaram?” E finalmente, “para que estudar África no Brasil?”

Longe da pretensão de responder a todas essas questões, usamo-as como estímulo para nossas investigações, que analisaram o processo de institucionalização do primeiro órgão brasileiro que propôs o estudo de “África” no país: o Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), fundado na Bahia em 1959. As novidades trazidas pela instituição, anunciadas em seus materiais de divulgação, falavam de uma *nova* proposta para abordar “África” no Brasil. E para melhor analisar esse processo, buscaremos, então, identificar o que seria a *velha* forma de abordagem, bem como suas motivações e relações com o CEAO.

Tópicos da pesquisa

Ao longo do período que se costuma chamar história do Brasil, o maior processo histórico que se tem notícia foi a chamada escravidão moderna. Os africanos trazidos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

para trabalhar e povoar a então colônia portuguesa na América tornaram-se, com o passar dos séculos, a população majoritária habitante desse território. Quando independente, o Estado brasileiro precisou “inventar a nação”, na qual deveria constar a inegável presença desse enorme contingente populacional, trazido outrora para cá. A partir de então, a tarefa dessa “invenção” converteu-se num *problema* para as autoridades e elites “nacionais”.

Tentamos inicialmente mostrar como os projetos oficiais de construção da identidade nacional brasileira se pautaram historicamente em uma herança européia, valorizando a ancestralidade portuguesa e os vínculos dinásticos e coloniais desse império com aquilo que se convencionou chamar de “Brasil”. A este fenômeno atribuímos a expressão *elo luso*, ao tentar desvendar alguns dos nexos ideológicos basilares da nacionalidade brasileira oficial, engastada na história e na cultura do europeu-português. Nessa tarefa atentamos ao fato de que, apesar da enorme influência exercida pelas teses evolucionistas do século XIX nas políticas sociais dos Estados Modernos, a negativização da presença do negro-africano na formação da população brasileira foi nutrida no imaginário ao longo dos séculos de colonização, como formas de controle e dominação intrínsecas às ações dos missionários metropolitanos – essas teorias teriam ratificado com argumentos científicos aquilo que na prática e na moral religiosa foi vigente durante todo o período colonial. A influência desse “problema” no processo de criação institucional de nossa identidade se fez presente como referencial da escrita de nossa história nacional, que incorporou esta vasta carga de preconceitos ao afirmar-se mestiça, “porém”, hegemonicamente branca.

Os interesses em relação ao continente africano partiram dos olhares acerca do *negro enquanto problema*. Pesquisador pioneiro desses temas, o influente Raimundo Nina Rodrigues partia de pressupostos teóricos balizados por aportes evolucionistas oitocentistas, amparando sua concepção histórica no referido *elo luso*. Marcou toda a primeira geração de pesquisadores interessados nessa temática, e por conseguinte, também se fez presente nas posteriores. Isso porque a alteração de seus pressupostos viria mais tarde, com Gilberto Freyre, que, por sua vez, transformou os argumentos raciais precedentes em “modernos métodos culturalistas”. Nele também percebemos a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

manutenção do elo luso e do olhar negativizado acerca do negro, materializado nos conceitos de *luso-tropicalismo* e de *democracia racial*. Astuto e também influente, Gilberto Freyre iniciou a repercussão de suas idéias no cargo de organizador do Primeiro Congresso Afro-Brasileiro (1934), assim ganhando prestígio em diversas instituições que incorporaram e deram seqüência à sua obra, criando eventos congêneres subsequentes. A tradição de estudos inaugurada por Freyre surtirá influência direta no processo de institucionalização do CEAO, além de estar de acordo com os pressupostos ideológicos e as diligências de seu fundador e primeiro diretor, George Agostinho da Silva.

Com o intuito de traçar um breve prospecto intelectual do fundador do CEAO, identificamos alguns episódios fundamentais para a sua formação em Portugal, como a inclinação aos debates da *Renascença Portuguesa* e a sua filiação à revista *Seara Nova*. Esses dois movimentos, de extrema importância para o panorama intelectual português do início do século XX, assentavam-se na busca de um novo lugar para Portugal no mundo, alimentados pela oposição às teses decadentistas de finais do século anterior, sobretudo aquelas produzidas nos debates da “Geração de 1870”. Nesse contexto, nos interessou particularmente a inspiração de Agostinho da Silva em dois importantes pensadores do período: o ensaísta Antônio Sérgio e o historiador Jaime Cortesão, aos quais deve o alicerce das suas concepções de história e do papel de Portugal no mundo.

A chegada de Agostinho da Silva ao Brasil se insere no processo de emigração de inúmeros portugueses hostilizados pelo Estado Novo salazarista, entre 1940 e 1970, que foi identificado por Antônio Cândido (2003) como “A missão portuguesa no Brasil” e por Eduardo Lourenço (2003) como uma “Pequena diáspora lusitana”. A alteração (ou melhor, as adaptações) de seu pensamento, motivada pela experiência do exílio, será importante para pensar os nexos ideológicos que Agostinho trouxe dos debates entre os searistas da década de 1930, tal como ocorreu a Jaime Cortesão. Sua busca por um novo lugar para Portugal foi interpretada a partir dos exemplos apreendidos em sua experiência brasileira.

Estudamos duas importantes ocasiões nas quais aflorou o pensamento de George Agostinho da Silva sobre o Brasil: a participação na Exposição Histórica do IV^o



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Centenário da cidade de São Paulo (1954) e no IV^o Colóquio Internacional Luso-Brasileiro (1959). Acreditamos que a análise desses eventos ajudou a esclarecer sua concepção sobre a “missão” futura desse país, que, por sua vez, está intrinsecamente associada às idéias sobre o lugar que Portugal deverá ocupar no mundo. Dessa forma, compreendemos que a formação do seu pensamento sobre o Brasil e as relações que este manterá com África, Ásia e Europa, partem das preocupações oriundas dos debates em que esteve envolvido ainda em Portugal. Além disso, conseguimos verificar uma série de relações entre essas idéias sobre o Brasil e o conteúdo da obra de Gilberto Freyre (1940), sobretudo no que tange a *O mundo que o português criou*.

A adaptação das idéias trazidas de Portugal ao Brasil foi impressa em três importantes obras desse autor: *Reflexão à margem da literatura portuguesa* (1957), *Um Fernando Pessoa* (1959) e no texto intitulado *Condições e missão da comunidade luso-brasileira* (1959), no qual podemos verificar as principais diretrizes ideológicas para a consolidação do CEAO.

Brasil, África e Portugal: entreolhares nos entre - lugares

“O Brasil é Portugal”. Esta impressão de Agostinho da Silva sobre o país que o abrigou durante seu exílio voluntário de sua terra natal carrega em si uma série de implicações. Por parte dos brasileiros, a máxima pode ser apreendida com bastante resistência ou até mesmo rejeição, motivadas talvez, por um estranho nacionalismo que se pauta em uma conturbada noção de nacionalidade. Para Agostinho da Silva, ela significa resumidamente o papel que esse país tem (ou terá) na realização da tarefa que estava reservada a Portugal: lançar as bases de uma nova civilização a partir de novos contatos com os outros continentes – o ultramar. A idéia, que em um primeiro momento parece bastante distante das aspirações brasileiras, paradoxalmente encontra assento na própria construção da sua história e da sua historiografia.

A maneira pela qual o país se relaciona com os demais continentes, particularmente com África, está permeada da concepção defendida por Agostinho: a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

idealização da legitimidade cosmopolita-ecumênica brasileira que partiria da ascendência portuguesa, carregada pelos genes e principalmente por tudo aquilo que é considerado culturalmente relevante. Por esse motivo, a invenção da nação brasileira pode ser identificada neste trabalho como tributária de um *elo luso*: a construção de uma história que visa nos aproximar da Europa a qualquer custo. Embora as preocupações com a construção da nossa nacionalidade tenham acompanhado o processo de afirmação identitária das próprias nações do velho mundo no século XIX, devemos reconhecer que, por causa das intenções conservacionistas do *status quo* que governava (e ainda governa) o Estado em formação, ela se escorou na história da antiga colônia americana de Portugal. A sua origem e ascensão a Estado independente estariam dessa forma, marcadas pela presença de Portugal, e conseqüentemente ligadas à Europa.

No mesmo sentido, as relações com o continente africano mantiveram-se: a subvalorização do negro-africano, trazida pelos portugueses à colônia americana, foi mantida ao longo do processo de construção da nacionalidade brasileira. Seguindo o mesmo aspecto, outra questão se impôs no momento da invenção da nacionalidade brasileira: amparada por paradigmas europeus, em que a mistura de raças era considerada degenerativa, a presença do negro no Brasil foi constantemente escamoteada ou apreendida como elemento de menor valor, diluído no amálgama nacional. Esta visão sobre o negro, utilizada para justificar a sua condição de escravo por toda a existência da colônia portuguesa na América, passou a ser teorizada pelas ferramentas do racionalismo cientificista oitocentista, mantendo-se aceitável, desde que residual, na composição da nacionalidade brasileira.

Os chamados “estudos africanos” no Brasil partiram dos finais do século XIX para explicar como o negro se inseriria na nacionalidade do país, fator que elucida desde o princípio a sua amalgamação aos estudos conhecidos como “afro-brasileiros”. De fato, olhar para a África neste contexto só se justificaria para demonstrar a inviabilidade de uma nação composta por um número tão elevado de africanos e seus descendentes.

Tido como desbravador desse campo de estudos no Brasil, Nina Rodrigues se preocupava em obter dos viajantes que vinham da África, dos ex-escravos africanos e



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

seus descendentes, informações sobre o continente, a partir das quais produziria seus estudos. É importante notar que as informações vinham de interlocutores que se concentravam em uma região específica do continente africano: a costa ocidental, portadores de culturas que genericamente ficaram conhecidas como “nagô”. Considerado um pesquisador seminal pelos seus seguidores, o entendimento de Nina Rodrigues sobre a África, que, conforme já salientamos, se pautava nesta porção específica do continente, foi generalizado a ele como um todo, fundamentando aquilo que ficou conhecido pela crítica historiográfica como ‘nagocentrismo’¹. Apesar de esta característica ser a principal reminiscência das suas idéias nos trabalhos dos seus sucessores, ele também se ateu ao paradigma que identificamos como *elo luso*, ou seja, a busca da aproximação com a Europa pelo viés da ascendência portuguesa.

As idéias de Nina Rodrigues foram entusiasticamente recuperadas nos anos 1930. Nessa ocasião, o Estado Novo varguista buscava novas interpretações para a nacionalidade brasileira, como parte das ações que visavam inserir o país na era da “modernização”. A recuperação das suas idéias serviu para elaborar o papel que seria destinado ao negro-africano na conformação da nova nacionalidade almejada. No bojo da ‘modernização conservadora’, lançando mão de um discurso aparentemente inclusivo, Gilberto Freyre reiterou as idéias precedentes da diluição das culturas africanas e indígenas na configuração nacional. Deste modo, o modelo do *elo-luso* se enrijeceu nesta época, com a formulação do conceito de luso-tropicalismo, que postulava a mestiçagem no Brasil desde a sua mais remota origem – a exemplo de Portugal que, por ter suas origens no amálgama de europeus e norte-africanos-semitas, estaria mais apto, ou seria mais competente ao lidar com os povos tropicais (Cf. FREYRE, 1933, 1940, 1958, 1961).

¹ “O sentido das interpretações de [Nina] Rodrigues, de que a ‘evolução’ social e biológica tinha feito dos nagôs um grupo superior em relação aos escravos comercializados anteriormente, permitindo que seus descendentes brasileiros preservassem e difundissem a sua religião e identidade, tornou-se argumento confiável e incontestado para as gerações de etnógrafos subseqüentes, incluindo Arthur Ramos, Édison Carneiro, Ruth Landes e Roger Bastide, assim como os leigos que ainda os citam involuntariamente” (MATORY, 2004, pp. 43-45, tradução nossa).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A manutenção da importância atribuída a Portugal conservou-se, ampliando-se agora, para as outras partes do mundo com as quais o país teve contato: *o mundo que o português criou*. Assim, o entendimento sobre a África dos pesquisadores da “Geração de 1930” foi demasiadamente influenciado pelas idéias luso-tropicalistas e pelas concepções nagocêntricas, e foi o responsável pela disseminação deste conhecimento por meio de diversos eventos que enfocavam temáticas africanas e afro-brasileiras: os congressos afro-brasileiros. A partir de Gilberto Freyre, as idéias de luso-tropicalismo e as leituras da democracia racial foram sustentadas ideologicamente em diferentes contextos, muitas vezes com a utilização de conceitos eufemísticos para abrandar seus impactos políticos e negar a sua ascendência teórica. Influenciada pelas idéias da “Geração de 1930”, a primeira geração de pesquisadores do CEAO aplicou-as nos seus trabalhos sobre África. Idéias essas, que se ajustavam ao pensamento do idealizador, fundador e primeiro diretor desta instituição: George Agostinho Baptista da Silva.

Agostinho da Silva e a construção do seu entendimento do Brasil

A fundamentação do pensamento de Agostinho da Silva deve ser remetida à militância por ele exercida no movimento conhecido como Renascença Portuguesa e às questões debatidas pelos membros da revista *Seara Nova*. Ambos são reflexos dos debates ativados pela “Geração de 1870” portuguesa, a qual mantinha relação com um grupo homônimo de intelectuais atuantes no Brasil – provavelmente a influência sofrida por Gilberto Freyre dos participantes desse grupo, como, por exemplo, Oliveira Viana, explique a vinculação das idéias do escritor com as preocupações do movimento oriundo mais de meio século antes em Portugal. As polêmicas levantadas pela Geração de 1870 versavam sobre o papel de Portugal diante do mundo, reflexo do recrudescimento de sua importância no cenário internacional pela perda da sua mais importante colônia (Brasil) e pela ascensão do poderio britânico. Por isso o “decadentismo” presente na historiografia portuguesa oitocentista foi o ponto de partida das reflexões dos intelectuais portugueses do início do século seguinte (MATOS, 1998).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Entre estes, dois são particularmente importantes para a formação do pensamento de Agostinho da Silva: Antônio Sérgio e Jaime Cortesão. A sua relação com o primeiro se estabeleceu nos bastidores da *Seara Nova* e se intensificou nos intercâmbios realizados na França e na Espanha. A interpretação de Antônio Sérgio sobre a história de Portugal e o seu entendimento sobre os “estrangeirados” foram incorporados às preocupações de Agostinho, que os ressignificou ao longo de sua trajetória intelectual².

Jaime Cortesão vincula-se a Agostinho em dois planos complementares: pelo fato de pertencerem ao grupo de expatriados portugueses do regime de Salazar que vieram se instalar no Brasil a partir de 1940 e pelo trabalho realizado com ele na organização da Exposição Histórica do IV^o Centenário da Cidade de São Paulo em 1954. Vemos o primeiro plano da relação entre Cortesão e Agostinho como expressão daquilo que conceituamos como *lusofonia vertical*: ideais colonialistas que tentavam justificar a dominação portuguesa sobre áreas tropicais veiculados à época pelo governo de Salazar - também endossadas por argumentos freyreanos (CASTELO, 1998). No segundo plano manifesta-se a *lusofonia horizontal*, o entendimento do *mundo que o português criou* como base para a criação de uma nova civilização a ser implantada no mundo. Verificamos assim, que as idéias de Gilberto Freyre são simpáticas às essas duas “esferas lusófonas” pelo fato de convergirem no plano ideológico e distinguirem em alguns aspectos do plano prático. A simpatia entre os ideais freyreanos (manifesto entre os brasileiros pela influência exercida pela “Geração de 1930”) e Agostinho da Silva, motiva, respectivamente, o encontro da influência interna e externa dessa lusofonia horizontal no Brasil. A unificação das duas vertentes pôde ser verificada na conformação da primeira experiência institucional dos estudos africanos no país.

² “Ora admirando-o, ora criticando-o, Agostinho da Silva não nega a influência que Antônio Sérgio exerceu na sua formação intelectual e se, por vezes, somos tentados a afirmar que o autor luso-brasileiro se afastou demasiado dos pressupostos que escutou do seu mestre, entre as décadas de 30 e 40, em Paris, Madrid ou na Travessa do Moinho de Vento (Lisboa), por outro lado, estamos conscientes de que essa aprendizagem não abandonou Agostinho tão facilmente como se possa pensar, muito pelo contrário, acompanhou-o até ao final do seu percurso biográfico e intelectual” (PINHO, 2007, p. 343-344).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A construção do entendimento do Brasil por Agostinho da Silva está relacionada às suas experiências prévias, que se ligaram direta e indiretamente à fundação do CEAO: a já mencionada Exposição Histórica do IV^o Centenário da Cidade de São Paulo em 1954 e o IV^o Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, em 1959. Estes dois eventos em si já se apresentam inter-relacionados, pois a segunda edição do Colóquio Luso-Brasileiro realizou-se em conjunto à exposição histórica. Nestes eventos as influências dos dois intelectuais portugueses mencionados aparecem vigorosamente. Em relação ao primeiro evento, a confluência entre o pensamento de Cortesão e a historiografia paulista, fez com que a mítica figura do bandeirante estivesse associada à imagem do português colonizador. Por isso, Agostinho foi enfático ao afirmar que

Foi também muito importante para mim a Exposição Histórica e o trabalho do Itamaraty, porque me deram a conhecer como é que Portugal tinha realmente construído o Brasil. Eu nunca tinha percebido como fora a construção do Brasil (...). Fui aprender isso no próprio Brasil (SILVA, 1994, pp. 141-142).

Sua experiência na organização desta exposição refletiu-se nos conteúdos da obra lançada em 1957, *Reflexão à margem da literatura portuguesa*. Nela, os portugueses que construíram o Brasil consolidaram-se na figura dos “estrangeirados”, clara releitura do conceito de Antônio Sérgio. Mas para Agostinho, os estrangeirados eram portugueses insatisfeitos com a europeização de Portugal que emigraram ao Brasil (como metáfora da sua própria experiência de vida) e acabaram mantendo aqui as dinâmicas do “Portugal Medieval” (o que nos termos de Antônio Sérgio, seria o “Reino da Inteligência”). A caracterização deste Portugal Medieval, mundo pleno, acabado, exemplo e destino das civilizações de todo o mundo, é permeada pelas idéias do franciscanismo vigente na identidade portuguesa. A Idade do Espírito Santo franciscana fora associada à profecia do Quinto Império de Joaquim de Flora, inspirado na interpretação feita pelo padre Antônio Vieira. De acordo essas relações traçadas por Agostinho, o Brasil (enquanto continuidade do Portugal Medieval) seria o responsável por implantar no mundo o Quinto Império, tempo da última idade da humanidade que seria a do Espírito Santo.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Para Agostinho, o papel do Brasil na disseminação de uma nova forma de civilização justificar-se-ia por sua conformação histórica, caudatária dos estrangeirados portugueses. Assim, o Brasil ter-se-ia feito como o modelo e o ideal da comunidade luso-brasileira. Os conteúdos dessas idéias aparecem sintetizados no texto de sua autoria intitulado *Condições e missão da comunidade luso-brasileira* que circulou nos bastidores do segundo evento mencionado, o IV^o Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, ocorrido Salvador, às vésperas da inauguração oficial do CEAO em 1959 – que por sua vez seria o instrumento privilegiado para transformar as suas idéias em ações.

Agostinho da Silva e o processo de institucionalização do CEAO.

As relações entre a fundação do CEAO e o IV^o Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros são evidentes, comprovadas por diversos documentos analisados (OLIVEIRA JUNIOR, 2010). A idealização do Centro ocorreu nos bastidores deste evento, que contou com apoio irrestrito do então reitor da Universidade da Bahia, Edgard Santos. A proeminência da figura do reitor no cenário universitário brasileiro daria legitimidade à instituição planejada por Agostinho. Foi ele próprio quem sugeriu que se incorporassem as temáticas “orientais” no projeto de instalação de um centro de estudos africanos na Bahia. E logo que o CEAO foi oficialmente fundado, em setembro de 1959, manteve intensa correspondência com diversas instituições no Brasil e no mundo.

A ênfase do Centro concentrou-se nos contatos com instituições africanas, o que revela a manutenção dos primeiros planos do seu idealizador. Por isso, pesquisadores afeitos às temáticas afro-brasileiras passaram a atuar como africanistas nos primeiros estudos realizados pela instituição. Sua abordagem teórica e as concepções ‘nagocêntricas’ refletiram-se tanto nas atividades realizadas pelo Centro, como no privilégio conferido às relações com a costa ocidental africana. Exemplo disso foi a concretização dos planos – traçados nos bastidores do IV^o Colóquio Luso-Brasileiro – de instalar no Brasil um curso de língua africana, escolhendo-se para tanto (prioritariamente) a língua iorubá. A expectativa dos membros dos candomblés baianos pela chegada do



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

professor nigeriano que ensinaria a língua na Bahia revelou que a sua inserção em atividades acadêmicas foi pioneiramente proporcionada e mantida pelo CEAO ao longo de toda a sua existência até a atualidade – mesmo que em alguns momentos essas relações se tenham atingido diferentes níveis de tensão. As negociações para a contratação do professor revelaram a participação atuante de Pierre Verger no intercâmbio entre o CEAO e a região da costa ocidental africana. Foi ele quem acompanhou os primeiros passos do primeiro pesquisador brasileiro enviado pelo CEAO à África, Vivaldo da Costa Lima, encarregado de fundar centros de estudos brasileiros nessa região. A iniciativa foi posteriormente estendida a outros professores, que também foram enviados prioritariamente para essa parte do continente africano.

As relações mantidas entre o Centro e a área da África centro-ocidental, caracterizada pela concentração de povos de línguas e cultura ‘banto’ são bastante assimétricas quando comparadas aos contatos mantidos com a região da baía do Benim, que era então chamada de ‘sudanesa’. As motivações do encontro com a África estavam relacionadas, num primeiro plano, às regiões onde se acreditava haver maiores elos culturais e históricos, consideradas mais importantes, como havia sido a antiga “Costa dos Escravos”. Por isso, foi possível encontrar na documentação evidências de planos e empreendimentos na região de Lagos (Nigéria) e Porto Novo (Benim) – respectivamente a compra de uma casa no *Brazilian Quarter* destinada à sede africana do CEAO e o envio de professores de língua portuguesa visando à manutenção da cultura brasileira dos *agudás* – que eram escorados por argumentos que evocavam os elos históricos e afetivos mantidos entre a Bahia e estas regiões.

A frustração dos planos justificou-se na documentação a partir da influência salazarista no Ministério das Relações Exteriores do Brasil. Esta também se configurava como impeditivo das investidas no CEAO na área da África meridional, onde importavam substancialmente os contatos com regiões de colonização portuguesa. Os contatos manifestaram-se majoritariamente mediante cartas enviadas às instituições culturais situadas na região, por meio das quais o CEAO foi informado da criação de diversos centros de estudos brasileiros durante esse período, os quais incentivam na



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

medida do possível. Entretanto, as motivações da criação dos centros de estudos brasileiros na região de Angola estavam mais ligadas à imagem libertadora atribuída ao Brasil no longo processo de independência da colônia (CHAVES, 2006), do que como consequência direta do apoio oferecido pelo CEAO às suas atividades.

As dificuldades em se relacionar com as áreas colonizadas por Portugal revelaram-se em outro empreendimento pioneiro inaugurado pelo Centro: o intercâmbio de estudantes africanos com instituições universitárias brasileiras. Dos quatorze primeiros estudantes africanos chegados à Bahia em 1961, apenas um era proveniente de uma colônia portuguesa – Cabo Verde. Apesar da desproporção, o ineditismo da chegada dos estudantes ao Brasil concretizou-se pela existência de um clima favorável para as relações exteriores com os países do terceiro mundo.

Potenciais mercados consumidores, os jovens países africanos eram cobiçados pelos projetos do governo Jânio Quadros, que passou a apoiar as iniciativas do CEAO. No mesmo sentido, o governo criou uma instituição similar, o IBEEA, responsável pela coleta de informações e realização de intercâmbios entre o Brasil e os países africanos e asiáticos. As iniciativas foram deixadas de lado após a renúncia de Jânio Quadros, contribuindo para isso também, segundo José Maria Conceição (1991), a ação do *lobby* salazarista no Ministério das Relações Exteriores do Brasil. Além disso, o mesmo autor considera que as iniciativas do IBEEA foram continuadas em caráter privado pelo CEAA uma década depois, demonstrando a precoce vinculação do CEAO com esta instituição.

Vemos então que a ação do governo português frustrou muitas das iniciativas brasileiras nas incipientes relações com o continente africano. Entretanto, a desproporcional intensidade dos contatos do CEAO com a África ocidental, quando comparada com a África portuguesa, não pode ser explicada apenas por este viés. Muitas das ações do Centro demonstraram a manutenção da afeição às idéias nagocêntricas iniciadas por Nina Rodrigues, às vezes até nominalmente. Exemplo disso foi a idealização do Iº Congresso Africano-Brasileiro, que se distinguiria dos congressos afro-Brasileiros iniciados por Gilberto Freyre, mas que corroborava com as iniciativas anteriores ao fazer coincidir sua realização com a comemoração do centenário de Nina



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Rodrigues. Em outro evento vimos temáticas similares serem suscitadas: a comemoração do primeiro aniversário da independência da Nigéria. A leitura do evento pelo professor de língua iorubá do CEAO, Ebenézer Lasebikan (1962, 1963), mostrou-nos que os impactos culturais da chegada de nigerianos a Bahia não fez com que a centralidade atribuída à sua ancestralidade cultural fosse de alguma maneira questionada; pelo contrário, acabou por endossar as suas crenças iniciais incrementando-as aos novos contatos alimentados pelo CEAO na Nigéria.

Considerações finais

Acreditamos que essas foram algumas das principais prerrogativas estruturais do CEAO durante a gestão de Agostinho da Silva. Quando ele deixou o cargo, seu sucessor, Waldir Freitas Oliveira, assumiu ter-se mantido fiel aos seus ideais e pressupostos. Apesar das ressonâncias da presença de Agostinho até hoje no Centro, sua influência modificou-se ao longo das várias gestões, sendo possível atualmente verificar drásticas alterações dos seus pressupostos iniciais.

Em detrimento da experiência dos contatos mantidos com a África, a visão de Agostinho sobre as relações do continente com o Brasil permaneceu pautada pela distinção que atribuía ao papel de Portugal:

Embora tenha havido entre os meus alunos gente de todas as nações, por delas naturais ou emigrantes, e, já que falei atrás de professores, conte eu, entre os que melhores me foram, povo humilde que vinha de África ou de Ásia, não deixa de estar na minha preocupação essencial a Nação Portuguesa, na qual se reúnem Portugal e Brasil (SILVA, 1971, p. 55).

As preocupações de Agostinho da Silva antes e depois da emigração ao Brasil, antes e depois da atuação no CEAO, consubstanciavam-se em Portugal. Considerando que se trata da primeira experiência institucional dos estudos africanos em nosso país, é importante considerar que este Centro exerceu (e ainda exerce) influência sobre instituições congêneres que surgiram posteriormente. Entretanto, deve-se atentar ao fato



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

das idéias veiculadas por seu fundador, embora rarefeitas, reverberam ainda hoje. É notório que argumentos similares aos seus ainda se manifestem por meio da aceitação do termo ‘lusofonia’, subjetivados em instituições como a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP, 1996) e na caracterização do grupo conhecido como os PALOP (países africanos de língua oficial portuguesa), mesmo que re-significados e sob contundentes críticas à concepção de um mundo luso-africano (ALPERS, 1997).

Passamos hoje por um processo análogo ao dos anos 1950-60, pela recente aproximação entre o Brasil e o continente africano. No mesmo ano em que foi instituída a lei 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira em todos os ciclos da educação básica brasileira, foram inaugurados centros de estudos brasileiros em Angola e Moçambique³. Além disso, são numerosos os eventos que atinam para a temática das relações entre os países ‘lusófonos’, destacando-se o próprio Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais (2011).

No que tange às reflexões sobre o processo de institucionalização dos estudos africanos no Brasil, acreditamos que elas contribuem para a compreensão da sua configuração atual, como, por exemplo, o fato de os estudos realizados sobre África Ocidental serem proeminentes em relação àqueles relativos à África Centro-Ocidental (bantos⁴). Refletir sobre o modo pelo qual temos olhado para o continente africano é tarefa imprescindível para a continuidade e qualidade das pesquisas atuais.

³ Itamaraty, Ministério das Relações Exteriores. *Centros de Estudos Brasileiros em Angola e Moçambique: homenagem aos embaixadores Ovídio de Andrade Melo e José Aparecido de Oliveira*. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/sala-de-imprensa/notas-a-imprensa/2003/05/centros-de-estudos-brasileiros-em-angola-e>, acesso em: 29/11/2010.

⁴ “É uma presunção evolucionista que ainda é veiculada pelos livros didáticos, com base na suposta inferioridade cultural atribuída ao povo banto em sua origem perante os sudaneses no Brasil” (CASTRO, 2006, pp. 364-365).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Referências Bibliográficas

- AGOSTINHO, Pedro. Agostinho da Silva: pressupostos, concepção e ação de uma política externa do Brasil com relação à África. *Afro-Ásia*, Salvador, CEAO, n° 16, p. 09-23, 1995.
- _____. “Agostinho da Silva”. In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro (orgs.). *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2007.
- ALPERS, Edward A. Estudos da África de língua portuguesa: retrospectiva e perspectiva. *Estudos Afro-Asiáticos* (32), Rio de Janeiro, pp. 221-235, 1997.
- BUENO, Chris. Cooperação entre Brasil e África. *Com ciência: revista eletrônica de jornalismo científico SBPC*. Disponível em:
<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=34&id=403>, Acesso em: 29/01/2010.
- CÂNDIDO, Antônio. “Prefácio” de *A Missão Portuguesa: Rotas entrecruzadas*. LEMOS, Fernando; LEITE, Rui Moreira (orgs.). São Paulo: Editora UNESP; Bauru: Editora EDUSC, 2003.
- CASTELO, Cláudia. “*O modo português de estar no mundo*”: o luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa. Porto: Afrontamento, 1998.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. Redescobrimo as línguas africanas. In: CHAVES, Rita; SECCO, Carmem; MACÊDO, Tânia (orgs.). *Brasil/África: como se o mar fosse mentira*. São Paulo: Editora UNESP; Luanda: Chá de Caxinde, 2006.
- CHAVES, Rita. A literatura brasileira no imaginário nacionalista africano: invenções e utopias. In: CHAVES, Rita; SECCO, Carmem; MACÊDO, Tânia (orgs.). *Brasil/África: como se o mar fosse mentira*. São Paulo: Editora UNESP; Luanda: Chá de Caxinde, 2006.
- CONCEIÇÃO, José Maria Nunes Pereira da. *Os estudos africanos no Brasil e as relações com a África – um estudo de caso: o CEAA (1973-1986)*. 1991. Dissertação de mestrado em sociologia – FFLCH/USP.
- FREYRE, Gilberto. *Casa grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal* (1933). 51ª Edição. São Paulo: Global, 2006.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

_____. *O mundo que o português criou: aspectos das relações sociais e de cultura do Brasil com Portugal e as colônias portuguesas*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1940.

_____. *Integração portuguesa nos trópicos*. Lisboa: Ministério do Ultramar: Junta de Investigações do Ultramar: Centro de Estudos Políticos e Sociais, 1958.

_____. *O luso e o trópico*. Lisboa: Comissão executiva das comemorações do quinto centenário da morte do infante D. Henrique, 1961.

HENRIQUES, Isabel de Castro. *Os pilares da diferença: Relações Portugal-África – séculos XV-XX*. Lisboa: Caleidoscópio, 2004.

LASEBIKAN, Ebenézer Latunde. Stronghold of youruba culture. *Negro Digest*, Chicago, vol. XII, n° 2, december, p. 37-40, 1962.

_____. In Brazil: the flowering of Africa's seeds. *Negro Digest*, Chicago, Vol XII, n° 08, june, p. 75-79, 1963.

LOURENÇO, Eduardo. “Pequena diáspora lusitana”. In: ABDALA JUNIOR, Benjamim (org.). *Incertas Relações: Brasil-Portugal no século XX*. São Paulo: Editora SENAC, 2003.

MATORY, James Lorand. *Black Atlantic religions: tradition, transnationalism, and matriarchy in the Afro-Brazilian Candomblé*. New Jersey: Princeton University Press, 2005.

MATOS, Sérgio Campos. *Historiografia e memória nacional no Portugal do século XIX (1846-1898)*. Lisboa: Edições Colibri, 1998.

OLIVEIRA JUNIOR, Gilson Brandão de. *Agostinho da Silva e o Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO). A primeira experiência institucional dos estudos africanos no Brasil*. 2010. Dissertação de mestrado em História Social. FFLCH-USP.

PINHO, Romana Valente. O racionalismo mítico: a herança de Antônio Sérgio no pensamento de Agostinho da Silva. *Revista Convergência Lusíada*, Rio de Janeiro, Real Gabinete Português de Leitura, n° 23, 1° Semestre, p. 342-353, 2007. Edição especial Centenário de Agostinho da Silva.

RIBEIRO, Maria de Fátima Maia. *IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros: relações culturais, identidade e alteridade*. 1999. Tese de doutorado



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

em Comunicação. Programa de pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas – UFBA.

SÉRGIO, Antônio. *Obras Completas: Ensaio Tomo II*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1971.

SILVA, Agostinho; BRUNO, Hernani da Silva; DAMANTE, Hélio; NEME, Mário. Exposição de história de São Paulo no quadro da história do Brasil (1954). In: LEMOS, Fernando; LEITE, Rui Moreira (orgs.). *A Missão Portuguesa: Rotas entrecruzadas*. São Paulo: Editora UNESP; Bauru: Editora EDUSC, 2003.

SILVA, Agostinho. *Reflexão à margem da literatura portuguesa*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1957.

_____. *Um Fernando Pessoa*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1959.

_____. Condições e missão da comunidade Luso-Brasileira (1959). *Revista Nova Águia*. Sintra, Zéfiro, n° 03, 1° semestre, p. 102-108, 2009. Edição Especial: o legado de Agostinho da Silva quinze anos após a sua morte.

_____. Compostela: carta sem prazo a seus amigos (Originalmente publicado em Lisboa: Edição do Autor, 1971. Republicado em SILVA, Agostinho da. *Dispersos*. Lisboa: ICALP: Ministério da Educação, 1988). In: SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro (orgs.). *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2007.

_____. *Vida conversável*. SIEWIERSKI, Henryk (org.). Lisboa: Assírio & Alvim, 1994.

_____. O nascimento do CEAO. *Afro-Ásia*, Salvador, CEAO, n° 16, p. 05-08, 1996.

_____. *Reflexões, aforismos e paradoxos*. Brasília: Thesaurus, 1999.

_____. *Comunidade Luso-Brasileira e outros ensaios*. SIEWIERSKI, Henryk (org.). Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009.

SILVA, Amândio; AGOSTINHO, Pedro (orgs.). *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2007.

ZAMPARONI, Valdemir. A África e os Estudos Africanos no Brasil: passado e presente. *Cienc. Cult*, São Paulo, v. 59, n° 02, Abr-Jun, p. 46-49, 2007.